



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
Licenciatura em Antropologia

Quotidiano e experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares e integrantes do programa do INAS no distrito de Boane, província de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos

Autora: Sara Eduarda Massango

Supervisor: Danúbio Walter Afonso Lihaha

Maputo, Setembro de 2024

Quotidiano e experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares e integrantes do programa do INAS no distrito de Boane, Província de Maputo

Autor

Sara Eduarda Massango

(Sara Eduarda Massango)

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

O supervisor

P/1 Sávia Susan

O presidente

Margarida Paulo

O oponente

Fernando Magalhães

Maputo, Setembro de 2024

Declaração de honra

Declaro que este relatório de pesquisa é original e resulta da minha investigação. Ao longo do texto e na bibliografia foram indicadas as fontes usadas na elaboração da pesquisa. O presente relatório não foi submetido a nenhuma outra instituição nem foi apresentado para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

Sara Eduarda Massango

(Sara Eduarda Massango)

Dedicatória

À memória da minha mãe, Eduarda Margarida Massango, por me ter trazido ao mundo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus pelo dom da vida. Em seguida, gostaria de expressar minha gratidão ao meu supervisor, Danúbio Lihahé, pela disponibilidade, na orientação deste trabalho. Agradeço também à todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) pelos ensinamentos do ofício antropológico, aos professores Emídio Gune, Johane Zonjo, Sandra Manuel, Sónia Seuane, Margarida Paulo, Esmeralda Mariano e Hélder Nhamaze.

Agradeço à toda minha família pelo apoio e carinho durante a formação. Ao meu esposo, Manuel Aurélio Mbebe, que me incentivou todos anos em que estive na faculdade. A minha sogra, Ester Mbebe. A minha sobrinha, Graça Massango.

Agradeço as mulheres participantes desta pesquisa. Agradeço também a equipe de Serviços Distritais de Actividades Económicas (SDAE)-Boane que forneceu-me informações sobre distrito de Boane.

Lista de abreviaturas e acrônimos

BCBM	Biblioteca Central Brazão Mazula
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
FLCS	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
INAS	Instituto Nacional de Ação Social
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

Este trabalho tem como objectivo compreender as estratégias de subsistência adoptadas por mulheres chefes de família com o apoio do Instituto Nacional de Ação Social (INAS) no distrito de Boane. A pesquisa investigou as atividades realizadas por essas mulheres como membros do INAS e outras atividades que desempenham fora do suporte institucional. Utilizando uma abordagem etnográfica, foram empregadas entrevistas semi-estruturadas e conversas informais para coletar os dados.

A problemática deste estudo consiste em questionar e criticar a visão predominante em estudos anteriores que afirmam que as condições socioeconómicas, o nível de escolaridade, a idade e a experiência pessoal das mulheres chefes de família têm uma relação direta e determinante com as suas condições de sobrevivência. Este estudo mostra que essas variáveis não têm um impacto significativo na vida das mulheres que participaram da pesquisa, uma vez que elas procuram superar todas as dificuldades que enfrentam.

Os resultados mostram que estas mulheres lideram iniciativas próprias que vão além do apoio do INAS. Este apoio, que inclui assistência financeira, alimentação e programas de saúde é complementado por atividades económicas individuais como agricultura, artesanato e empreendedorismo. Além disso, o estudo destaca a importância das redes de apoio mútuo entre essas mulheres, que compartilham conhecimentos, experiências e recursos económicos e sociais.

O estudo revela que as mulheres que beneficiam do projecto do INAS, ao lidarem com várias dificuldades na sua subsistência, encontraram novas maneiras de se adaptar e sobreviver. Estas estratégias fundamentam-se tanto nas redes de apoio que já existiam como nas novas que surgiram através das interações do dia-a-dia. Estas redes de apoio não só as ajudam a enfrentar as adversidades, mas também a assegurar a sua sobrevivência e a continuidade social.

Palavras-chave: *Estratégias de sobrevivência; mulheres chefes de família; INAS; Boane.*

Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de abreviaturas e acrônimos.....	iv
Resumo.....	v
Capítulo I.....	1
1. Introdução.....	1
1.1. Objectivos da pesquisa.....	3
1.1.1. Objectivo geral.....	3
1.1.2. Objectivos específicos.....	3
1.2. Justificativa e pertinência.....	3
1.3. Estrutura do trabalho.....	4
Capítulo II.....	5
2. Revisão da Literatura.....	5
2.1. Problemática.....	9
3. Quadro teórico e conceptual.....	11
3.1.1. Experiências de Subsistência.....	12
3.1.3. Pobreza.....	13
Capítulo IV.....	14
4. Procedimentos metodológicos.....	14
4.1. Métodos e etapa da pesquisa.....	14
4.2. Instrumentos de recolha de dados.....	15
Capítulo V.....	18
5. Apresentação e discussão dos resultados.....	18
5.1. Perfil e motivações das beneficiárias no programa de assistência do INAS.....	18
5.2. Actividades de subsistência além do INAS: alternativas para o sustento familiar.....	22
5.3. Complementaridade entre as actividades do programa do INAS e outras iniciativas das beneficiárias.....	24
Capítulo VI.....	28

6. Considerações Finais	28
Referências bibliográficas	30

Capítulo I

1. Introdução

O trabalho enquadra-se no âmbito do cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura dos estudos em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA). Com o trabalho realizamos uma pesquisa com o objectivo de compreender experiências de subsistências adoptadas pelas mulheres chefes de agregados familiares com ajuda do Instituto Nacional de Acção Social (INAS) no distrito de Boane, província de Maputo, sul do país.

As mulheres entrevistadas nesta pesquisa são beneficiárias do Programa Acção Produtiva (PASP) implementado pelo INAS. Através deste programa, INAS "oferece uma resposta aos problemas de insegurança alimentar crónica, agravadas pelos choques e riscos estruturais e impactos das mudanças ambientais ou choques económicos, e contribuir para a inclusão económica e social dos beneficiários, através de participação em actividades produtivas" (INAS, 2022).

Este programa tem como objetivo atender os agregados familiares em situação de vulnerabilidade, que possuem pelo menos um membro em idade ativa. Ao direccionar o foco para mulheres maiores de 30 anos, viúvas, solteiras e divorciadas, "o programa busca atender a um grupo específico que muitas vezes enfrenta desafios significativos em termos de sustento e inclusão económica" (INAS, 2022). Ao considerar que a maioria delas não teve acesso à educação formal, o programa busca oferecer oportunidades de participação em actividades produtivas para promover a inclusão social e económica dessas mulheres.

A partir da pesquisa exploratória, pude constatar que as mulheres participantes do projeto do INAS estão envolvidas em diversas actividades e estratégias de subsistência. Para além das actividades do programa, elas se engajam em cultivo em *machambas*, trabalhos domésticos, limpeza de terrenos, comércio, costura de roupas, entre outras actividades. Das 11 mulheres entrevistadas, 3 delas, além de participarem do programa do INAS, estão envolvidas em outras actividades, como agricultura e comércio no mercado municipal de Boane. Este cenário evidencia a importância de reconhecer a capacidade empreendedora dessas mulheres, que buscam ativamente meios de sustento para suas famílias.

Além das actividades complementares e participação no programa do INAS, estas mulheres tem tido apoio dos vizinhos, amigos e membros da congregação religiosa. Isso ressalta a importância das redes de apoio social e comunitário na mitigação da insegurança alimentar e na promoção do bem-estar dessas mulheres. O fato de receberem doações de alimentos, dinheiro e insumos agrícolas demonstra a solidariedade e a colaboração dentro da comunidade, oferecendo um suporte adicional para complementar as atividades do programa do INAS e outras iniciativas de subsistência.

Essas formas de apoio ressaltam também a importância de considerar não apenas as ações individuais das mulheres, mas também o contexto mais amplo em que estão inseridas. Além disso, elas destacam a necessidade de programas e políticas que fortaleçam e promovam essas redes de apoio, reconhecendo o papel crucial que desempenham na promoção da segurança alimentar e no fortalecimento das comunidades.

A afirmação de que a pobreza, aliada à ausência de um parceiro provedor ou contribuinte nas despesas da casa, é o principal fator que influencia a procura de diferentes formas de sustento por parte das mulheres. Essa constatação evidencia a realidade enfrentada por muitas mulheres em situação de vulnerabilidade, que precisam assumir a responsabilidade pelo sustento do lar de forma independente. Essa situação ressalta a importância de compreender as questões de gênero e pobreza, reconhecendo que as mulheres, em particular aquelas que não contam com um parceiro provedor, enfrentam desafios adicionais na busca por sustento e segurança financeira.

Muitas mulheres desenvolvem estratégias de subsistência com base na venda de produtos, e muitas delas dizem que aprenderam o negócio ou com amigas, vizinhas, suas mães e outras pessoas, ou por iniciativa delas próprias.

Algumas mulheres iniciaram a venda de produtos na porta da sua residência, pois algumas ainda não tinham um esquema de como chegar ao mercado. E, chegam ao mercado por influência e facilitações das vizinhas, amigas, irmãos da igreja e familiares. Um aspecto que pode notar nestas mulheres é da vontade, da disposição, que elas têm de ir atrás de alternativas de sobrevivência, cientes de suas necessidades.

Assim, neste trabalho investigamos as características sociais e estratégias de subsistência que estas mulheres adoptam para a sua sobrevivência em um meio rural.

1.1. Objectivos da pesquisa

1.1.1. Objectivo geral

Compreender as estratégias de subsistência adoptadas pelas mulheres solteiras chefes de agregados familiares com ajuda do INAS no distrito de Boane, província de Maputo.

1.1.2. Objectivos específicos

Identificar o perfil das beneficiárias do projecto e procurar entender as razões da adesão ao programa do INAS;

Aferir as actividades de subsistência para além das actividades desempenhadas no programa do INAS;

Analisar em que medida o programa do INAS e outras actividades alternativas desenvolvidas por essas mulheres se complementam e ajudam para o incremento de subsistência na vida dessas famílias lideradas por estas mulheres.

1.2. Justificativa e pertinência

O interesse pelo estudo sobre as experiências e alternativas de subsistência de mulheres chefes de agregados familiares surge durante uma leitura do livro da Diane Pearce cujo título principal é *Feminização da pobreza*, seguido pelo subtítulo *mulher, trabalho e assistência social*. Seu pressuposto é o de que “a pobreza está rapidamente se tornando um problema feminino” (1978:28). Ela associa este processo de empobrecimento das mulheres ao aumento na proporção de famílias pobres chefiadas por mulher. Para ela, essas famílias são aquelas onde há apenas um adulto do sexo feminino e nenhum adulto do sexo masculino.

A partir desta discussão decidi realizar um estudo com objectivo de compreender a vida quotidiana das mulheres chefes do agregado familiar, as suas experiências e actividades que desenvolvem para suprir as necessidades diárias. Para tal, este tema é de maior relevância para a nossa sociedade que pode encontrar, aqui, exemplos de vida e superação, face as adversidades familiares do dia-a-dia.

Para a antropologia esta pesquisa carrega um potencial contributo para a compreensão de comportamentos e estratégias das mulheres para o sustento do seu agregado familiar, num contexto cultural conjugado por diferentes dinâmicas. Este tema também pode ser do interesse do governo, no âmbito da definição de políticas de acção social e desenvolvimento sustentável.

1.3. Estrutura do trabalho

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro composto pela introdução onde apresentamos a contextualização, o problema de pesquisa, os objectivos geral e específicos e a justificativa. No segundo capítulo consta revisão de literatura, onde apresento os principais debates sobre o assunto. No terceiro capítulo apresento o enquadramento teórico, operacionalizámos os conceitos chaves da pesquisa. No quarto capítulo, consta a metodologia do trabalho onde explicitamos as técnicas e métodos utilizados para o efeito do trabalho. No quinto capítulo apresentamos e analisamos os dados da pesquisa e confrontamos as diferentes abordagens sobre assunto tratado. Identificamos e interpretamos as motivações que levam as mulheres a aderirem em programas de governo, e entender as estratégias que elas adoptam na sua integração em diferentes redes de interajuda. Finalmente, no sexto capítulo apresentamos as conclusões onde sintetizamos resultados que obtivemos da pesquisa exploratória.

Capítulo II

2. Revisão da Literatura

A literatura revista neste capítulo aborda sobre estratégias de sobrevivência das mulheres chefes de agregado familiar, no mundo, na África Austral e Moçambique. Iniciaremos com a revisão de literatura do tema proposto no mundo.

2.1. Experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares no mundo

No mundo, os estudos analisados buscam mostrar as dificuldades perpassadas por essas mulheres no seu dia-a-dia. O estudo de Baird et al. analisa as experiências de mulheres chefes de família na Índia. Este artigo examina o impacto do *National Rural Employment Guarantee Act* (NREGA), que fornece trabalho remunerado a famílias rurais. Mulheres chefes de agregado familiar utilizam os rendimentos para melhorar a segurança alimentar e a educação dos filhos. Contudo, enfrentam desafios como discriminação de gênero no local de trabalho e remunerações inadequadas. O estudo sugere que políticas sociais devem ser acompanhadas de medidas para promover a igualdade de gênero e acesso a recursos produtivos.

O estudo de Gonzalez e Perez analisa a realidade de mulheres chefes de família no México. O artigo explora o impacto do programa *Oportunidades* nas condições de vida de mulheres chefes de família em áreas urbanas e rurais. As autoras mostram que a transferência de renda condicionada ao cumprimento de metas educacionais e de saúde beneficia estas mulheres, mas também reforça a sua dupla carga de trabalho. Apesar disso, o programa contribui para a autonomia econômica e melhora a qualidade de vida das famílias. O estudo propõe maior flexibilidade nos requisitos do programa para reduzir a sobrecarga.

O estudo de Faria e Costa explora as experiências de subsistência de mulheres no Brasil. O artigo analisa o impacto do *Bolsa Família* em mulheres chefes de agregado familiar em comunidades periféricas. A transferência de renda assegura maior acesso a alimentos, saúde e educação para os filhos. Contudo, as mulheres enfrentam dificuldades em conseguir emprego formal, o que as mantém em situações de vulnerabilidade. O estudo destaca a importância de políticas públicas integradas que combinem assistência financeira com programas de capacitação profissional.

O estudo de Anderson e Parker analisa mulheres chefes de família nos Estados Unidos. Este artigo aborda o impacto do programa *Supplemental Nutrition Assistance Program* (SNAP) em mulheres solteiras chefes de família. O estudo mostra que o acesso ao SNAP ajuda a garantir segurança alimentar e reduz níveis de stress financeiro. Contudo, as participantes enfrentam barreiras como estigma social e dificuldades burocráticas para se inscreverem no programa. A pesquisa recomenda ações para melhorar o acesso ao programa e combater o estigma associado a benefícios sociais.

O estudo de Sato e Nakamura analisa a subsistência de mulheres chefes de família no Japão. O artigo explora as condições de vida de mulheres solteiras chefes de agregado familiar em áreas urbanas do Japão. Muitas dependem do *Seikatsu Hogo*, o sistema de assistência social, para cobrir despesas básicas. O estudo revela que, embora o programa forneça suporte essencial, os valores são baixos e insuficientes para garantir estabilidade económica. As autoras recomendam reformas no sistema e políticas complementares, como incentivos ao emprego e cuidados infantis acessíveis.

2.2. Experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares na África Austral

Na África Austral vem surgindo também uma vasta literatura que busca compreender experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares. O estudo de Patel et al. (2018) analisa o impacto dos programas de transferência de renda na África do Sul. O artigo centra-se nos efeitos do Child Support Grant nas vidas de mulheres chefes de família. Estes programas ajudam as mulheres a satisfazer necessidades básicas das suas famílias e promovem maior autonomia financeira. Contudo, o estudo reconhece que as transferências monetárias não eliminam as desigualdades de género nem a pobreza estrutural. Muitas participantes dependem de redes comunitárias para complementar a renda. O artigo sugere melhorias no valor dos subsídios e a adopção de estratégias de longo prazo para garantir inclusão económica.

O estudo de Silva e Mendes (2020) examina as estratégias de subsistência de mulheres em Angola. Este artigo explora as práticas de segurança alimentar adotadas por mulheres chefes de família em áreas rurais de Angola. As práticas agrícolas de subsistência e os mercados locais são fontes principais de rendimento. A participação em programas sociais, como a distribuição de cestas básicas, é essencial, mas frequentemente insuficiente. O estudo sublinha a resiliência destas

mulheres e sugere maior investimento em projetos de agricultura comunitária e microcrédito, que podem fortalecer a sua autonomia económica e social.

O estudo de Chitiga et al. (2021) analisa as redes de solidariedade das mulheres no Zimbabwe. O artigo explora como mulheres chefes de agregado familiar no Zimbabwe enfrentam dificuldades económicas através de redes de solidariedade. Grupos comunitários oferecem suporte emocional e material. As mulheres participam em esquemas de poupança e empréstimos, permitindo pequenos investimentos em negócios locais. O estudo destaca que, embora programas sociais e ONGs tenham apoiado estas iniciativas, é necessário maior suporte institucional para garantir a sustentabilidade dessas redes comunitárias.

O estudo de Miller e Tsoka analisa os efeitos do programa de transferência monetária no Malawi. O artigo examina os resultados do Malawi Social Cash Transfer Programme para mulheres chefes de família. O programa contribui para melhorar a segurança alimentar e permite investimentos na educação dos filhos. Contudo, os valores insuficientes e a dependência de auxílio externo são desafios significativos. Muitas mulheres continuam a adotar estratégias informais, como cultivo de hortas e venda de produtos locais, para complementar a renda. O estudo enfatiza a necessidade de estratégias mais robustas para assegurar a sustentabilidade dos programas sociais.

O estudo de Smith e Johnson (2020) analisa a resiliência das mulheres em zonas rurais da Namíbia. O artigo foca-se nas práticas de sustento adotadas por mulheres chefes de agregado familiar em comunidades rurais da Namíbia. Cultivos de subsistência, criação de gado em pequena escala e participação em mercados informais são estratégias comuns. As mulheres enfrentam desafios devido à seca e à falta de apoio governamental consistente. Contudo, projetos comunitários de irrigação e iniciativas de cooperativas têm demonstrado impactos positivos. O estudo recomenda a expansão de programas que fortaleçam a segurança alimentar e promovam a resiliência económica.

2.3. Experiências de subsistência de mulheres chefes de agregado familiares em Moçambique

Segundo Paulo et al. (2008), num estudo sobre as relações sociais da pobreza urbana na cidade de Maputo, revelam que os agregados familiares chefiados por mulheres têm menos probabilidade de ter emprego, tem rendimentos e consumos mais baixos do que a maioria dos agregados chefiados

por homens. Os autores mostram, também que elas apresentam alto grau de vulnerabilidade emocional, seja pelo sentimento de abandono, seja pela violência e exploração a que foram submetidas.

Sansão Nhantumbo (2017) analisa as trajetórias de algumas mulheres empreendedoras no bairro central, na cidade de Maputo, Moçambique. O estudo também constatou que para a manutenção das suas actividades as empreendedoras envolvem-se em diversas redes sociais de carácter económico, como é o caso do xitique, de carácter virtual, assim como, com instituições financeiras, com a finalidade de poupar, aceder a financiamentos e fazer propaganda de seus serviços. As conclusões do estudo são de que a extensa rede de relações sociais historicamente construídas ao longo da vida das mulheres, constitui um aspecto determinante para introduzi-las no empreendedorismo. O seu envolvimento nas diversas redes sociais de carácter económico e virtual, bem como com instituições financeiras, mostrou-se ser de grande importância para a manutenção das suas actividades.

Vania Jorge (2022) mostra que as razões que levaram as mulheres a aderirem programas sociais tem a ver com dificuldades na vida decorrentes do facto de serem viúvas, mulheres abandonadas pelos seus parceiros/maridos; e ainda outras vivendo com os seus parceiros também passam por dificuldades pelo facto de não terem tido formação para desenvolver habilidades que as possa fazer produzir dinheiro. Para todas as mulheres entrevistadas pela autora, a entrada no programa do INAS constitui uma oportunidade encontrada para minimizar várias dificuldades que passam no seu dia-a-dia. Segundo autora, essas mulheres encontram-se numa situação de pobreza, que não se configura apenas pela ausência de renda, mas também por discriminação e sofrimento, que causa repercussões nas suas vidas.

O estudo de Rogerio Membawaze (2005) analisa as características sociais, as estratégias e o conhecimento das lógicas adoptadas pelas mulheres chefes do agregado familiar, para sua sobrevivência. As suas conclusões mostram que estas mulheres, nas quatro categorias sociais, constituem uma realidade pluridimensional, pois tudo depende das condições criadas pela dinâmica de uma economia de mercado e pelas redes sociais que estabelecem a vários níveis na sua luta pela sobrevivência.

Para Loforte (2008) existe mais dificuldades de sobrevivência para viúvas no meio urbano, pelos altos índices de desemprego, e pelo facto de a percentagem de analfabetismo ser maior entre as mulheres. A autora refere que apesar de haver avanços na educação, as mulheres continuam a recorrer a esfera informal formas de sobrevivência.

2.1. Problemática

Os estudos apresentados na revisão da literatura mostram as dificuldades que são enfrentadas pelas mulheres no seu dia-a-dia. Estes estudos mostram também que a sobrecarga de papéis assumidos pelas mulheres frente às dificuldades sociais, económicas e de violência experimentadas por elas expôs uma face perversa da condição feminina, sobressaindo, por um lado, a baixa autoestima, as frustrações, os medos e, por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência.

No entanto, esses estudos apresentam limitações. Eles tendem a retratar as mulheres chefes de família como meras sobreviventes, tratando-as como passivas e discriminadas na sociedade. Esse enfoque problemático frequentemente desconsidera as experiências e trajetórias das mulheres que utilizam estratégias ativas para superar suas dificuldades diárias. Estes estudos só buscam mostrar apenas a vulnerabilidade perpassada pelas mulheres e das consequências advindas dessa condição e sem apresentar uma análise que busca mostrar as lutas e superações destas mulheres. Neste estudo entendo que as mulheres não são passíveis, elas se reinventam, buscam diferentes meios de subsistência e constroem as suas trajetórias a partir da criação de redes sociais, que vão se constituindo ao longo do tempo.

Este estudo alinha-se aos argumentos de Biza (2000), onde argumenta que as estratégias de sobrevivência a que se recorre passam pela venda de produtos no sector informal, e também o recurso a diversas redes de protecção social, baseados em laços de diversa natureza, gerados em espaços sociais distintos como: parentesco, vizinhança e a religião. Para o autor, as estratégias de "sobrevivência" mostram como diferentes elementos se combinam interagindo na produção da família, provocando assim novas formas de organização e recomposição

Como mostra Da Silva et al. (2005) em Moçambique, a mais importante actividade produtiva das mulheres para a geração de rendimentos é a produção e venda de produtos alimentares. As mulheres também predominam em pequenos negócios, e operam por vezes até entre províncias e além-fronteiras. Elas produzem artesanato, por exemplo, vendem-no em outras províncias ou

países e trazem de volta produtos básicos, para fazer face aos desafios do alto custo de vida e desemprego.

Em uma pesquisa sobre “As mulheres *mukheristas* e o comércio transfronteiriço”, Maria Matsimbe verificou que o comércio transfronteiriço e estratégias de reprodução socioeconômicas implementadas pelas mulheres *mukheristas* devem ser vistos como um processo complexo que inclui a compra dos produtos em territórios transnacionais, transporte, manuseamento e venda em Moçambique envolve que relações de poder, de exploração, cooperação, confiança e convivência entre as *mukheristas* e estas com os fornecedores de produtos, transportadores, *gai-gai* (carregadores) e compradores.

Diante desta problemática, a nossa pesquisa levanta a seguinte pergunta de partida: **Até que ponto as estratégias de sobrevivência adotadas pelas mulheres participantes do INAS contribuem para enfrentar as situações de pobreza no distrito de Boane?**

3. Quadro teórico e conceptual

Neste capítulo apresento o enquadramento teórico que orientou este estudo. Nesta pesquisa, usei a teoria interpretativa de Clifford Geertz (1989). O modelo “interpretativo” de Geertz (1989) consiste em captar a teia de significados que as pessoas em um determinado contexto produzem nas suas múltiplas relações, através da descrição densa que é o método etnográfico. É nesse contexto que procuramos compreender o que é que as pessoas pensam sobre as medidas de prevenção e qual é o significado que atribuem a elas. Geertz (1980) defende que as pessoas em um dado contexto produzem múltiplos significados sobre as coisas e, só elas fazem sentido quando são vividas.

Neste contexto, a escolha da teoria interpretativa de Clifford Geertz (1989) para guiar este estudo se justifica pela sua abordagem profunda e contextualizada das experiências humanas em um determinado ambiente social e cultural. Ao adoptar essa perspectiva, busca-se compreender não apenas as acções das mulheres chefes de agregado familiar e beneficiárias do programa do INAS em Boane, mas também os significados subjacentes a essas acções dentro do contexto específico em que ocorrem. De igual forma, Geertz (1989) argumenta que a realidade social é construída por meio de significados partilhados pelos membros de uma comunidade, e que esses significados só podem ser compreendidos por meio de uma análise densa e interpretativa das práticas sociais. Isso implica não apenas observar o que as pessoas fazem, mas também entender por que elas fazem e como atribuem significado às suas acções.

No caso das mulheres em Boane, essa abordagem permitiu explorar não apenas as suas actividades de subsistência e participação no programa do INAS, mas também as suas motivações, valores e aspirações. Através da imersão no contexto local e do envolvimento com as mulheres como participantes da pesquisa, é possível captar as suas experiências e entender como elas constroem e negociam o significado das suas vidas em meio aos desafios que enfrentam.

Portanto, ao adotar a abordagem interpretativa de Geertz, este estudo buscou ir além da simples descrição dos fenómenos observados, buscando compreender as complexas dinâmicas sociais, culturais e subjetivas que influenciam as experiências e alternativas de subsistência das mulheres em Boane.

3.1. Quadro conceptual

Nesta secção, apresento os conceitos que foram operacionalizados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, nomeadamente: experiências de subsistência; vulnerabilidade; pobreza.

3.1.1. Experiências de Subsistência

As experiências de subsistência referem-se ao conjunto de práticas e estratégias que indivíduos ou grupos adotam para garantir a sua sobrevivência diária. Estas práticas podem incluir a procura de alimento, habitação, cuidados de saúde e educação. Na antropologia, a subsistência é muitas vezes analisada em relação ao contexto social e cultural, destacando como as diferentes comunidades organizam as suas atividades para atender às suas necessidades básicas (Bourdieu, 1979). Este conceito é especialmente relevante para compreender a vida das mulheres chefes de agregados familiares, que frequentemente desempenham múltiplos papéis na manutenção da família.

As experiências de subsistência também englobam as dinâmicas de adaptação e resiliência que essas mulheres desenvolvem diante de desafios sociais e económicos. As estratégias utilizadas podem variar conforme os recursos disponíveis e as condições locais, refletindo a intersecção entre cultura, economia e relações sociais (Morrison, 2007). Em contextos de vulnerabilidade, essas experiências tornam-se ainda mais complexas, exigindo que as mulheres mobilizem redes de apoio, tanto formais como informais, para garantir a sobrevivência do seu agregado familiar.

O conceito de experiências de subsistência é fundamental para este trabalho, pois permite explorar como as mulheres chefes de agregados familiares no distrito de Boane gerem os recursos disponíveis e adaptam as suas práticas às circunstâncias específicas que enfrentam.

3.1.2. Vulnerabilidade

Na antropologia, a vulnerabilidade é frequentemente entendida como um constructo social, que se relaciona com as desigualdades estruturais e a marginalização (Twigg, 2004). As mulheres chefes de agregados familiares podem ser particularmente vulneráveis devido a factores como género, pobreza e acesso limitado a recursos. A vulnerabilidade é também uma questão de relações sociais e de poder, pois as redes de apoio, seja através da família ou da comunidade, podem mitigar ou agravar a condição de vulnerabilidade (Mastrorillo et al., 2016). Quando as mulheres estão

inseridas em contextos sociais solidários, podem encontrar formas de enfrentar as adversidades de maneira mais eficaz. Por outro lado, a falta de apoio pode intensificar a sua vulnerabilidade, levando a uma espiral de dificuldades económicas e sociais.

O conceito de vulnerabilidade é crucial para o trabalho, pois possibilita entender as condições e desafios enfrentados pelas mulheres chefes de agregados familiares, revelando como factores estruturais e sociais influenciam a sua subsistência.

3.1.3. Pobreza

Na antropologia, a pobreza é frequentemente analisada em termos de privação, exclusão social e falta de acesso a serviços básicos, como saúde, educação e habitação (Sen, 1999). A pobreza pode ser vista como um fenómeno estrutural que é influenciado por factores económicos, políticos e sociais, refletindo desigualdades sistémicas. Para as mulheres chefes de agregados familiares, a pobreza pode ter implicações diretas na sua capacidade de sustentar os seus filhos e garantir um futuro melhor para eles.

A pobreza é também um fenómeno experiencial, onde as vivências diárias e as narrativas das mulheres revelam como a pobreza se manifesta em suas vidas (Marmot, 2005). As condições de vida precárias, a insegurança alimentar e a falta de oportunidades de emprego são algumas das realidades que muitas dessas mulheres enfrentam. A abordagem antropológica à pobreza permite uma compreensão mais profunda das interacções entre cultura, identidade e economia. Ao explorar as histórias e experiências das mulheres, pode-se obter uma visão mais rica e contextualizada do que significa viver em pobreza, bem como as estratégias que elas adoptam para superar os desafios e reivindicar a sua dignidade e agência (Ferguson, 1990).

O conceito de pobreza é essencial para este trabalho, pois proporciona uma análise abrangente das condições de vida das mulheres chefes de agregados familiares, permitindo identificar as barreiras que enfrentam e as estratégias que utilizam para lidar com a sua realidade.

Capítulo IV

4. Procedimentos metodológicos

Este capítulo apresenta a metodologia usada para a elaboração deste trabalho. No trabalho analiso experiências e alternativas de sobrevivências adoptadas pelas mulheres chefes de agregados familiares com ajuda do Instituto Nacional de Acção Social (INAS) no distrito de Boane.

4.1. Métodos e etapa da pesquisa

O presente projecto de pesquisa é do tipo etnográfico com abordagem qualitativa. O método qualitativo permitirá compreender as experiências e trajetórias destas mulheres na busca de meios de sobrevivência. Segundo Minayo (2001) a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações humanas e compreende a totalidade do fenómeno, mais do que focalizar conceitos específicos. Assim pretendo compreender as experiências destas mulheres que aderiram ao programa do INAS e o conjunto de facetas significativas envolvidos nestas relações de sociabilidade.

E o uso do método etnográfico para recolha de dados desta pesquisa foi devido a possibilidade que este método oferece na realização de uma pesquisa baseada no contacto directo com os nativos. Para Urpi (2012) o método etnográfico é uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender. Num mergulho profundo e prolongado na vida quotidiana desses outros que queremos apreender e compreender.

Realizei o presente estudo em três etapas complementares das quais na primeira etapa recolhi dados exploratórios, na segunda, realizei a revisão da literatura, e por último organizei e analisei os dados. Na primeira etapa, fiz estudos exploratórios. Para o efeito observei, conversei e entrevistei um grupo mulheres, entre os meses de Março a Julho de 2023. Na segunda etapa, fiz a revisão de literatura, onde consultei material nas bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia, Biblioteca Nacional e Biblioteca Central Brazão Mazula, Centro de Estudos Africanos e em bibliotecas virtuais. O referido material cobria temas sobre estratégias de sobrevivência adoptadas pelas mulhreres, experiências de vida. A terceira etapa ainda a decorrer e consiste na análise e interpretacao dos dados.

4.2. Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados foram usadas as seguintes técnicas: observação directa, entrevistas semi-estruturadas dirigidas às mulheres, aos responsáveis do Serviço Distrital de Actividades Económicas e outras instituições do distrito.

➤ **Observação directa:**

A observação directa foi feita no Bairro de Massaca II, no distrito de Boane junto com as mulheres participantes do projecto. Através da observação directa, foi possível captar diferentes estratégias de subsistência adoptadas pelas mulheres chefes de agregado familiar que participam no programa do INAS no distrito de Boane. Algumas dessas estratégias incluem a venda informal de produtos agrícolas, como hortícolas, realizadas em mercados locais ou nas imediações das suas casas. Foi notável, igualmente, o uso de redes de apoio comunitário, onde as mulheres se organizam em pequenos grupos para partilharem recursos, como alimentos e cuidados infantis.

Adicionalmente, observou-se que muitas delas recorrem a trabalhos temporários, como a limpeza de casas ou o transporte de mercadorias, para complementar os rendimentos provenientes do programa do INAS.

Estas observações foram registadas detalhadamente no diário de campo, utilizando tanto o bloco de notas como o telemóvel. No final de cada dia, todas as anotações foram organizadas e analisadas, permitindo identificar padrões nas estratégias de sobrevivência e obter uma melhor compreensão do impacto do programa nas suas vidas quotidianas.

- Entrevistas informais: permitiu colher informações num ambiente que tendem a fluir de forma natural e despertar concepções ausente à minha compreensão, actualmente (Dias, 2009).
- Entrevistas semi-estruturadas: permitiram compreender a vida destas mulheres, suas experiências. As entrevistas permitiram captar com detalhes a vida dos participantes como mulheres chefes de agregados familiares. A entrevista semi-estruturada é uma das técnicas de recolha de dados frequentemente utilizados nas ciências sociais. Segundo Gil (1987) a entrevista semi-estruturada é uma técnica que supõe que o pesquisador faz perguntas pré-

estabelecidas que considera principais a partir de uma relação fixa de perguntas, podendo elaborar novas perguntas que tornem as respostas mais completas.

As técnicas de pesquisa foram complementadas com o diário de campo e uso do telemóvel no registo de informações. Estas técnicas compõem o método qualitativo que é uma das identidades da antropologia (Velho, 1978: 1).

O uso do telemóvel no registo das informações teve implicações tanto positivas quanto negativas. Por um lado, o telemóvel facilitou o processo de recolha de dados, permitindo que as entrevistas fossem gravadas de forma clara e precisa, sem a necessidade de anotações extensas durante a conversa. Isso foi especialmente útil considerando o tempo limitado das participantes, que poderiam se sentir desconfortáveis ou interrompidas se o processo de anotação fosse excessivo.

Por outro lado, o uso do telemóvel também trouxe desafios. Algumas das participantes, especialmente as mais idosas e com menos familiaridade com a tecnologia, demonstraram desconforto com a presença do dispositivo. Esse desconforto afetou a dinâmica da entrevista, já que as entrevistadas sentiram que estavam sendo "gravadas" e que suas respostas estavam sendo registradas de forma formal, o que gerou uma sensação de vigilância.

4.3. Barreiras e superação

Durante o desenvolvimento da pesquisa no distrito de Boane, o acesso aos dados revelou-se um desafio considerável. Um dos principais obstáculos foi a resistência inicial de algumas mulheres em partilhar informações sobre a sua situação socioeconómica. Essa desconfiança dificultou a obtenção de dados qualitativos relevantes para a minha pesquisa, exigindo uma abordagem mais delicada e cuidadosa.

Para superar essas barreiras, concentrei-me em estabelecer relações de confiança com as participantes. Realizei visitas prévias às comunidades, onde me apresentei e expliquei o propósito da pesquisa de forma clara e transparente. Além disso, envolvi líderes comunitários, que ajudaram a legitimar a minha presença e incentivaram as mulheres a partilhar as suas experiências. Com o tempo, essa estratégia revelou-se frutífera; as participantes começaram a abrir-se, revelando histórias e dados valiosos que enriqueceram o meu trabalho. Essa construção de confiança foi fundamental para a recolha de informações de qualidade.

Outro desafio foi a escassez de documentos oficiais e estatísticas sobre as condições de vida das mulheres em Boane. Muitas informações eram de difícil acesso ou simplesmente inexistentes. Para contornar essa limitação, procurei fontes secundárias, como relatórios de organizações não governamentais e publicações acadêmicas que abordavam o contexto da região. A combinação de dados qualitativos obtidos através das entrevistas e informações secundárias permitiu-me construir uma narrativa mais completa e fundamentada sobre as experiências de subsistência das mulheres chefes de família. Essa adaptação e criatividade na busca de dados foram cruciais para o sucesso da pesquisa

Capítulo V

5. Apresentação e discussão dos resultados

Este capítulo é dedicada à apresentação e análise das narrativas das beneficiárias do programa de assistência do INAS. A análise dos dados foi realizada com base nas respostas fornecidas por estas mulheres e decorreu em três fases. Na primeira fase, procedemos à transcrição das informações que partilharam. Em seguida, categorizámos as respostas semelhantes e contraditórias. Por fim, organizámos as respostas de acordo com as perguntas formuladas, o que nos permitiu identificar as informações mais relevantes para a pesquisa. Este processo proporcionou-nos uma compreensão mais clara das trajetórias e experiências das beneficiárias.

A secção começa apresentando o perfil e motivações das beneficiárias no programa de assistência do INAS; na segunda secção abordamos as actividades de subsistência para além do INAS, focalizando nas actividades alternativas para o sustento familiar; e por fim analisamos a complementaridade entre as atividades do programa do INAS e outras iniciativas das beneficiárias.

5.1. Perfil e motivações das beneficiárias no programa de assistência do INAS

Em termos de idade, as mulheres entrevistadas estão na faixa entre 28 e 77 anos, representando uma fase da vida em que muitas estão assumindo responsabilidades familiares. Essa faixa etária também abarca mulheres que, mesmo mais velhas, ainda enfrentam desafios financeiros e sociais devido a várias circunstâncias.

Em relação ao estado civil, foi possível encontrar viúvas entre elas, mães solteiras e mulheres chefes de família entre as beneficiárias. Essas mulheres enfrentam desafios adicionais na manutenção de suas famílias, muitas vezes sendo as únicas provedoras de renda e cuidado. Muitas beneficiárias são mulheres com doenças crônicas, que enfrentam desafios extras para gerenciar sua saúde e bem-estar, demandando cuidados e recursos adicionais. Em termos de educação, o perfil varia, mas muitas beneficiárias têm apenas educação básica e outras são iletradas.

Quanto à localização, as beneficiárias são predominantemente de áreas rurais ou semiurbanas, como é o caso do distrito municipal de Boane. Com base nas observações e entrevistas etnográficas realizadas, percebe-se uma clara limitação no acesso e na promoção dos serviços básicos, como

saúde e educação. As oportunidades de emprego são escassas nessa região, o que dificulta para muitas mulheres garantir uma renda estável para suas famílias.

Certamente. Moro em uma área semiurbana de Boane, e posso dizer que enfrentamos sérias dificuldades de acesso aos serviços básicos, como saúde e educação. Além disso, as oportunidades de emprego são escassas, o que torna difícil garantir um sustento familiar. Cuido da casa e, depois, vou para minha machamba onde cultivo milho, alface, repoulo e tomate. Ir a machamba é a principal fonte de sustento para a minha família, mas enfrentamos muitos desafios, como as cheias e secas. Cheguei ao programa do INAS depois do falecimento do meu marido há cinco anos. Foi um momento difícil na minha vida. Fiquei sabendo do programa através de uma organização associação agrícola que eu fazia parte e, quando me inscrevi, vi isso como uma boa oportunidade para suprir muitas dificuldades que enfrento no dia-a-dia. O apoio financeiro e a assistência que recebemos ajudam. Luto para ver meus filhos terem uma boa educação e oportunidades que eu nunca tive. A minha motivação é garantir que meus filhos tenham uma vida melhor do que a minha (entrevistas com Ana de 44 anos de idade).

Vivo aqui em Boane desde que nasci, meus pais chegaram aqui vindo de Gaza, falaram que foi por motivos de guerra entre a FRELIMO E RENAMO. Aqui em Boane as coisas estão difíceis, e não há oportunidades de emprego, o que torna complicado garantir sustento para a família. O meu dia começa cedo com as tarefas domésticas e depois vou para a minha machamba, onde cultivo arroz, batata-doce, couve e cenoura. Para além da machamba tenho uma banca no mercado central, onde vendo coisas que saem da minha machamba, mas outras coisas compro nas machambas dos vizinhos. Após o divórcio há três anos, fiquei responsável por sustentar os meus filhos. Entrei no programa do INAS através da indicação de uma amiga que vive aqui mesmo no bairro. A entrada no programa foi uma grande oportunidade porque o valor que consigo lá dá para comprar outras coisas, como material escolar dos meus filhos. O meu maior desejo é os meus filhos possam ter um bom futuro, essa é a razão da minha luta (entrevista com Suzana de 46 anos de idade).

As conversas com Ana e Suzana, revelam a luta das mulheres beneficiárias do programa do INAS em Boane para melhorarem as suas vidas. Elas enfrentam desafios relacionados ao acesso a

serviços básicos, à escassez de oportunidades de emprego. Ana, apesar da perda do marido, e Suzana, após o divórcio, destacam como o programa do INAS representa uma oportunidade para ultrapassar as dificuldades. Contudo, ambas expressam a necessidade de mais iniciativas focadas no desenvolvimento pessoal e na criação de oportunidades de emprego. A vontade de proporcionar um futuro melhor para os filhos e a busca por soluções sustentáveis refletem o espírito de luta e esperança dessas mulheres.

No aspecto econômico, as beneficiárias geralmente enfrentam dificuldades financeiras. Muitas têm renda baixa ou nenhuma fonte de renda estável, dependendo principalmente de subsistência agrícola ou trabalho informal para sustentar suas famílias. Essa instabilidade econômica é agravada por factores externos, como as chuvas adversas ou falta de acesso a mercados estáveis. As mulheres muitas vezes enfrentam desigualdades salariais e limitações de emprego devido a normas de gênero arraigadas em suas comunidades, o que dificulta ainda mais sua capacidade de sustentar suas famílias.

A maioria de nós enfrenta dificuldades financeiras. Muitas têm renda baixa ou nenhuma fonte de renda estável. Dependemos principalmente de trabalhos agrícolas ou empregos informais para sustentar nossas famílias. E é complicado, porque o dinheiro não é constante. Às vezes, as chuvas atrapalham nossas plantações e dificultam ainda mais. E, infelizmente, as mulheres geralmente ganham menos e têm menos oportunidades de trabalho aqui. É uma luta constante (entrevistas com Maria de 47 anos de idade).

No aspecto social, as beneficiárias geralmente tem papéis importantes em suas famílias. Muitas são cuidadoras de idosos ou crianças, desempenhando um papel importante na coesão social e no apoio familiar. Essas responsabilidades limitam sua capacidade de buscar oportunidades fora do ambiente doméstico. As mulheres muitas vezes enfrentam estigmas sociais e barreiras à participação plena na vida econômica e política em seus grupos sociais, o que pode perpetuar o ciclo de pobreza e marginalização.

Ah, as mulheres daqui são incríveis. Muitas de nós cuidam dos idosos e das crianças, mantendo a harmonia e o apoio nas famílias. Mas, sabe, isso também nos limita um pouco. Às vezes, queremos buscar oportunidades fora de casa, mas é difícil por causa dessas responsabilidades. E é frustrante, porque queremos fazer mais, contribuir mais

para nossa famílias. Mas, às vezes, nos sentimos presas, como se as expectativas sociais nos impedissem de alcançar nosso potencial (entrevistas com Maria de 47 anos de idade).

Quanto às razões para aderir ao programa do INAS, várias motivações comuns emergem. Primeiramente, a necessidade de apoio financeiro é um factor preponderante. Muitas beneficiárias buscam recursos para sustentar suas famílias, especialmente em momentos de dificuldades econômicas. Neste sentido, elas veem no programa do INAS uma oportunidade de obter assistência financeira ou oportunidades de capacitação que podem melhorar sua situação financeira a longo prazo. A busca por acesso a serviços essenciais desempenha um importante. Muitas mulheres veem o INAS como uma fonte confiável de suporte em tempos de necessidade, oferecendo acesso a serviços de saúde, educação ou assistência social que podem beneficiar suas famílias de maneira tangível.

Olha, o programa do INAS é essencial para muitas mulheres por aqui. Muitas delas enfrentam dificuldades financeiras e veem no programa uma forma de obter ajuda para sustentar suas famílias. O acesso a serviços básicos, como saúde e educação, é fundamental, e o INAS é uma fonte confiável para isso. É uma oportunidade real para melhorar suas vidas e garantir um futuro melhor para suas famílias (entrevista com Pedro de 42 anos de idade).

O empoderamento e as oportunidades de desenvolvimento pessoal também são motivadores importantes para a adesão ao programa do INAS. As beneficiárias frequentemente expressam o desejo de adquirir novas habilidades ou educação que possam levar a melhores oportunidades de emprego e maior independência econômica. Elas veem o programa como uma oportunidade para fortalecer sua posição na sua sociedade e alcançar uma maior autonomia em suas vidas pessoais e profissionais. Em contrapartida existe algumas que consideram os programas do INAS como algo que não agrega valor em suas vidas.

Sinceramente, acho que o programa do INAS não faz tanto pela gente quanto poderia. Sim, algumas mulheres conseguem ajuda financeira, mas é só isso. As oportunidades de desenvolvimento pessoal são limitadas, e muitas vezes as mulheres se sentem presas em suas situações. Elas querem mais do que simplesmente sobreviver, mas o programa não oferece muitas opções para melhorar suas vidas de forma positiva, agora estamos

a 4 meses sem receber o dinheiro, já comeram. É desanimador (entrevista com Sofia de 31 anos de idade).

Em conclusão, O perfil demográfico das beneficiárias permitiu entender a situação de vulnerabilidade socioeconômica na vida dessas pessoas. A identificação do perfil das beneficiárias e a compreensão de suas razões para aderir ao programa do INAS foram aspectos importantes que permitiram compreender as estratégias de subsistência adotadas pelas mulheres solteiras chefes de agregados familiares com ajuda do INAS. Neste sentido, exploramos esses aspectos em detalhes, analisando o perfil demográfico, econômico e social das beneficiárias, bem como suas motivações para adesão ao programa. A análise do perfil e das motivações das beneficiárias no programa de assistência do INAS revela uma realidade complexa e desafiadora. As mulheres solteiras chefes de agregados familiares, muitas vezes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, encontram no programa uma fonte de apoio financeiro e acesso a serviços básicos essenciais.

5.2. Atividades de subsistência além do INAS: alternativas para o sustento familiar

As entrevistas etnográficas revelam que, as mulheres de Boane, na província de Maputo, Moçambique, desenvolvem um conjunto de actividades que sustentam suas famílias e fortalecem sua sociedade. Em uma região onde a agricultura é essencial para a subsistência, essas mulheres cultivam pequenas parcelas de terra para garantir alimentos para suas famílias. Seja plantando legumes, cereais ou frutas, elas são as guardiãs da segurança alimentar das duas famílias, garantindo que seus familiares tenham acesso a alimentação.

Neste diapasão, para além do cultivo de alimentos, as mulheres de Boane também são mestres em artesanato tradicional, como cestaria e tecelagem. Nos mercados locais, suas habilidades são valorizadas, e elas vendem esses produtos, contribuindo não apenas para a economia local, mas também preservando e promovendo a rica herança cultural da região. Suas habilidades artesanais não só geram renda para suas famílias, mas também promovem um senso de identidade e orgulho cultural, em suas palavras.

As mulheres cultivam uma variedade de alimentos em suas próprias parcelas de terra, desde legumes até cereais e frutas. Algumas concentram-se em culturas de subsistência (batata-doce, couve e milho), enquanto outras cultivam excedentes para vender

localmente. Esse trabalho não apenas garante a alimentação das famílias, mas também fortalece os laços e redes sociais, com partilha entre vizinhos em tempos de abundância. Além da agricultura, muitas mulheres se dedicam à produção de artesanato, como cestaria e tecelagem, vendendo esses produtos nos mercados locais. Participam também do comércio informal, oferecendo uma variedade de produtos para complementar a renda familiar. Essas actividades não só sustentam suas famílias, mas também promovem a coesão comunitária e o desenvolvimento econômico local (entrevista com Manjate de 31 anos de idade).

No cenário do comércio informal, as mulheres de Boane são figuras proeminentes. Nos mercados locais, elas oferecem uma ampla gama de produtos, desde alimentos preparados até roupas usadas e itens de higiene. No entanto, essas empreendedoras dinâmicas aproveitam as oportunidades disponíveis para gerar renda, contribuindo significativamente para a economia local e fornecendo bens essenciais para a comunidade. Seja através da venda de produtos agrícolas excedentes ou da comercialização de produtos manufaturados, essas mulheres desempenham um papel crucial no fluxo econômico da região. Para além de suas actividades económicas, as mulheres de Boane também são líderes em empreendedorismo social e comunitário. Elas iniciam pequenos negócios, cooperativas e projectos, buscando criar oportunidades económicas sustentáveis para si e para suas comunidades. Essas iniciativas não apenas geram renda adicional, mas também fortalecem os laços comunitários e promovem o desenvolvimento holístico da região. Por meio de programas de capacitação e apoio mútuo, essas mulheres capacitam umas às outras e incentivam o crescimento económico inclusivo e sustentável.

As mulheres de Boane lideram iniciativas sociais e comunitárias, como pequenos negócios e cooperativas como *xitique*. Além de gerar renda extra, essas iniciativas fortalecem os laços entre os moradores, promovendo um ambiente de solidariedade. Esse empreendedorismo também impulsiona o crescimento económico sustentável na região, criando oportunidades para o desenvolvimento local (entrevista com Suzana de 46 anos de idade).

De igual forma, muitas mulheres participam de trabalhos sazonais, como a colheita de frutas, para complementar sua renda durante determinadas épocas do ano. Essas oportunidades sazonais

oferecem uma fonte adicional de renda e ajudam a mitigar os desafios econômicos sazonais que podem surgir em uma economia agrícola.

Aqui em Boane, os desafios económicos variam ao longo do ano, consoante as colheitas e as condições climáticas. As oportunidades de trabalho sazonal, como a apanha da fruta, proporcionam às mulheres uma forma de diversificar os seus rendimentos, ajudando a atenuar os impactos financeiros dessas flutuações sazonais. Isso é especialmente relevante em áreas onde as oportunidades de emprego são limitadas. Ao participarem activamente no mercado de trabalho sazonal, as mulheres não só têm a oportunidade de contribuir para o sustento das suas famílias, como também ganham mais autonomia financeira. Isso pode conduzir a uma maior confiança e capacidade para tomar decisões económicas importantes para elas e para as suas famílias. Para além disso, ao alargarem as suas competências e experiências através destes trabalhos sazonais, as mulheres estão a construir uma base mais sólida para o seu futuro emprego e empreendedorismo (Entrevista com Fredy Antônio, Engenheiro Agrônomo de 25 anos de idade).

A partir das narrativas e entrevistas apresentadas, fica evidente o papel fundamental das mulheres de Boane, na província de Maputo, Moçambique, no sustento de suas famílias, no fortalecimento de sua comunidade e no impulsionamento do desenvolvimento económico local. Essas mulheres não apenas cultivam alimentos para garantir a segurança alimentar de suas famílias, mas também são mestres em artesanato tradicional, empreendedoras dinâmicas no comércio informal e líderes em iniciativas sociais e comunitárias.

5.3. Complementaridade entre as atividades do programa do INAS e outras iniciativas das beneficiarias

Neste ponto, os dados etnográficos revelam que as mulheres tem um papel central na sustentabilidade das famílias e no desenvolvimento pessoal. O Programa do Instituto Nacional de Acção Social (INAS) é uma peça fundamental no apoio às famílias mais vulneráveis, fornecendo uma variedade de serviços sociais e financeiros. Paralelamente, as mulheres de Boane lideram iniciativas alternativas que complementam os esforços do INAS e contribuem para a melhoria da qualidade de vida nas famílias que lideram. O INAS tem um papel crucial na prestação de

assistência social e apoio financeiro às famílias em Boane. Seus programas abrangem uma variedade de áreas, incluindo assistência médica, educação, habitação e subsídios para grupos vulneráveis, como mães solteiras e idosos. Esses serviços são essenciais em uma região onde o acesso a recursos é limitado e as famílias enfrentam desafios socioeconômicos.

Sim, as mulheres em Boane desempenham um papel central na sustentabilidade das famílias e no desenvolvimento da comunidade. O Programa do INAS é fundamental ao fornecer assistência social e financeira para famílias vulneráveis, cobrindo áreas como saúde e educação. Paralelamente, as iniciativas lideradas por mulheres, como agricultura e artesanato, complementam esses esforços, gerando renda adicional e fortalecendo os laços comunitários. A combinação desses esforços contribui para melhorar a qualidade de vida nas famílias de Boane (entrevista com Nilza de 36 anos de idade).

Por outro lado, as mulheres de Boane estão envolvidas em uma série de atividades alternativas que complementam os serviços oferecidos pelo INAS. Elas cultivam alimentos em suas parcelas de terra, participam do comércio informal, lideram pequenos negócios e cooperativas, e estão envolvidas em iniciativas sociais e comunitárias. Essas atividades não só geram renda adicional para as famílias, mas também promovem a coesão entre as mulheres. Neste contexto, a complementaridade entre o programa do INAS e as iniciativas femininas é evidente em vários aspectos. Em primeiro lugar, o apoio financeiro e social fornecido pelo INAS cria uma base sólida sobre a qual as mulheres podem construir e expandir suas atividades empreendedoras. Por exemplo, famílias que recebem assistência do INAS podem investir em sementes e ferramentas para aumentar a produção agrícola em suas parcelas de terra, o que por sua vez contribui para a segurança alimentar e geração de renda.

As iniciativas femininas complementam os esforços do INAS ao abordar necessidades específicas e desafios locais de forma mais direta e adaptada. Enquanto o INAS oferece serviços especializados, as atividades lideradas por mulheres respondem às demandas específicas da comunidade, como a produção de alimentos frescos, a criação de empregos locais e o fortalecimento dos laços sociais. Essa complementaridade resulta em benefícios tangíveis para as famílias lideradas por mulheres em Boane. Ao combinar o suporte do INAS com as iniciativas femininas, essas famílias têm acesso a uma rede abrangente de recursos e oportunidades. Para tal,

os dados mostram que isso não apenas melhora sua qualidade de vida imediata, mas também os capacita a enfrentar desafios futuros com resiliência e determinação. Por exemplo, uma família que recebe assistência do INAS pode complementar sua renda participando de atividades lideradas por mulheres, como a produção de artesanato ou a venda de produtos agrícolas excedentes.

A combinação do suporte do INAS com as iniciativas femininas oferece às famílias lideradas por mulheres uma rede abrangente de recursos e oportunidades. Isso não apenas melhora sua qualidade de vida imediata, mas também as capacita a enfrentar desafios futuros com resiliência e determinação. Por exemplo, uma família que recebe assistência do INAS pode complementar sua renda participando de atividades lideradas por mulheres, como a produção de artesanato ou a venda de produtos agrícolas excedentes. Isso não só aumenta sua renda total, mas também promove o empoderamento econômico e social das mulheres, fortalecendo assim a comunidade como um todo (entrevista com Silvia de 39 anos de idade).

As narrativas e as experiências das mulheres em Boane, Moçambique, destacam a importância fundamental da complementaridade entre o Programa do INAS e as iniciativas femininas. Ao compartilharem suas histórias e vivências, essas mulheres evidenciam como a colaboração entre o apoio governamental e as atividades lideradas por mulheres impulsiona a melhoria da qualidade de vida nas famílias. Desde a sustentabilidade alimentar até o fortalecimento dos laços comunitários e o desenvolvimento econômico sustentável, suas narrativas ressaltam como essa cooperação empodera as mulheres, promove a resiliência familiar e contribui para o avanço da comunidade como um todo.

5.4. Análise das discussões anteriores

A análise das narrativas das beneficiárias do programa de assistência do INAS, apresentada nas seções anteriores, revela uma realidade complexa, e revela dinâmicas de subsistência e reprodução social das mulheres participantes deste estudo. As histórias partilhadas por estas mulheres mostram não apenas as dificuldades enfrentadas por elas, mas também a força e a luta que caracterizam suas vidas.

As motivações para aderir ao programa do INAS foram explicadas pela necessidade de apoio financeiro, o acesso a serviços essenciais, como saúde e educação dos filhos. Contudo, foi evidenciado que, apesar do apoio proporcionado por INAS, as mulheres ainda sentem a falta de oportunidades para a sobrevivência.

As atividades de subsistência, analisadas na terceira seção, mostram a capacidade dessas mulheres em buscar meios alternativos para melhorarem as suas vidas. A agricultura, o artesanato e o comércio informal são algumas atividades que elas desenvolvem fora do programa. Essas iniciativas revelam como as mulheres entrevistadas usam formas criativas para gerar meios de subsistência e contribuir para o bem-estar das suas famílias, o que mostra que a dependência do INAS não é o único meio que elas têm para a melhoria da qualidade de vida.

Na quarta seção, a complementaridade entre o INAS e as iniciativas individuais das mulheres ficou claro que essas mulheres não são passivas, como sugere a literatura. O apoio do INAS serve como uma base essencial sobre a qual as beneficiárias podem construir suas atividades empreendedoras, criando um ciclo positivo de renda e empoderamento. A interação entre o apoio governamental e as iniciativas comunitárias reforça a resiliência dessas mulheres.

Estes dados mostram que as mulheres que beneficiam do projecto do INAS, ao lidarem com várias dificuldades na sua subsistência, encontraram novas maneiras de se adaptar e sobreviver. Estas estratégias fundamentam-se tanto nas redes de apoio que já existiam como nas novas que surgiram através das interações do dia-a-dia. Estas redes de apoio não só as ajudam a enfrentar as adversidades, mas também a assegurar a sua sobrevivência e a continuidade social.

Capítulo VI

6. Considerações Finais

A pesquisa conduzida no distrito de Boane oferece uma análise das estratégias de subsistência adotadas por mulheres que lideram agregados familiares. Estas mulheres, além de enfrentarem diversos desafios, demonstram uma grande resiliência e capacidade de agir diante das adversidades. As estratégias que adotam para o sustento e o bem-estar das suas famílias vão muito além da simples sobrevivência, destacando-se pela criatividade e pela vontade de transformar as condições em que vivem. A abordagem teórica fundamentada na teoria interpretativa de Clifford Geertz proporcionou uma compreensão mais profunda dos significados sociais subjacentes às suas ações, revelando as complexidades e nuances das suas experiências e contribuições para a comunidade.

Os resultados da pesquisa ressaltaram a complementaridade entre o apoio oferecido pelo Programa do INAS e as iniciativas lideradas pelas mulheres. Embora o INAS desempenhe um papel fundamental ao fornecer assistência financeira e social, as actividades empreendidas pelas mulheres, como a agricultura, o artesanato e o empreendedorismo comunitário, complementam esses esforços. Estas iniciativas não só geram uma renda adicional, como também promovem a coesão social, evidenciando a importância da colaboração entre políticas governamentais e esforços locais para fortalecer a resiliência e o bem-estar das comunidades em contextos desafiantes.

As mulheres chefes de família em Boane não apenas enfrentam os desafios de forma individual, mas também se unem em redes de apoio, partilhando conhecimentos, experiências e recursos. Este processo de colaboração melhora a qualidade de vida das famílias envolvidas e fortalece a comunidade como um todo. A troca de experiências e recursos, além de ajudar na superação de dificuldades específicas, fortalece os laços sociais, promovendo um senso de solidariedade e pertencimento.

Em relação às mulheres entrevistadas, algumas delas têm filhos adultos, enquanto outras ainda têm filhos mais novos, em idade escolar. Independentemente da faixa etária dos filhos, todas demonstram uma forte preocupação com o bem-estar e futuro das suas famílias. Muitas das mulheres relataram que os seus filhos adultos também contribuem para a economia familiar,

participando nas actividades agrícolas ou no comércio. Contudo, em alguns casos, mesmo os filhos adultos ainda dependem do apoio familiar devido às dificuldades socioeconómicas do contexto local.

As desigualdades que estas mulheres enfrentam no seu quotidiano são multifacetadas. Em primeiro lugar, a baixa remuneração e a fragilidade do mercado de trabalho local são factores determinantes. As mulheres, especialmente aquelas que lideram famílias, têm acesso limitado a empregos formais e bem remunerados, sendo frequentemente forçadas a recorrer a actividades informais, como a agricultura e o artesanato, que não oferecem um retorno financeiro significativo. A educação formal insuficiente também é uma barreira importante, uma vez que muitas das mulheres não tiveram acesso a uma formação de qualidade, o que limita as suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho qualificado e bem remunerado.

Além disso, a inexistência de programas de capacitação adequados para as mulheres agrava ainda mais as desigualdades. A falta de formação técnica e de políticas públicas direccionadas para a qualificação feminina limita as suas opções no mercado de trabalho e nas actividades empreendedoras. Sem acesso a oportunidades de capacitação, as mulheres ficam restritas a actividades de baixo valor agregado, dificultando a melhoria das suas condições de vida.

Estes desafios estruturais, somados a aspectos culturais e sociais que ainda reforçam a desigualdade de género, tornam ainda mais complexa a superação das desigualdades. A divisão tradicional de papéis de género coloca as mulheres em posições de desvantagem, especialmente no que se refere à tomada de decisões económicas e ao acesso a recursos produtivos. O apoio do INAS tem sido essencial para mitigar as desigualdades, mas, por si só, não resolve as questões estruturais que afetam as mulheres em Boane.

A resiliência e a agência das mulheres chefes de família, juntamente com as redes de apoio e solidariedade que elas estabeleceram, são fundamentais para a melhoria das suas condições de vida. A compreensão e o apoio a essas estratégias de sobrevivência são cruciais para não só melhorar as condições de vida das mulheres e suas famílias, mas também para promover mudanças e transformações socioeconómicas mais amplas. A pesquisa realizada em Boane revela não só os desafios enfrentados, mas também a capacidade das mulheres de transformar as suas realidades, demonstrando sua força e agência na busca por um futuro mais justo e sustentável.

Referências bibliográficas

- Ana, B e Rodrigues, C. 1997. *Estratégias de Sobrevivência de Famílias em Luanda e Maputo*. Luanda: CEAUP.
- Anderson, P. & Parker, T. (2021). *Food Assistance and Single Mothers: Challenges and Benefits of SNAP in the US*. *Social Policy and Society*, 20(4), 441-457.
- Baird, S. et al. (2019). *Social Protection and Gender Inequalities in Rural India*. *Development Policy Review*, 37(5).
- Biza, A. 2001. "As Características Sociais das Mulheres Chefes de agregado Familiar e suas Estratégias de Sobrevivências em Contexto Peri – Urbano" (*Tese de Licenciatura. Departamento de Antropologia e Arqueologia*), Universidade Eduardo Mondlane.
- Carvalho, L. 1998. "Família chefiada por mulheres: relevância para uma política social dirigida". *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano XIX, n. 57, p. 74-98,
- Casimiro, I. A, 2010, "Emponderamento Económico da Mulher". In *Movimento Associativo e Acesso a Fundos de Desenvolvimento Local*, Maputo: CIEDIMA.
- Chitiga, M. et al. 2021. *Women's Solidarity Networks and Livelihood Strategies in Zimbabwe*. *African Review of Economics and Finance*, 13(1).
- Da Silva, et al, 2005, "Para além das desigualdades". In a *Mulher em Moçambique*. Maputo: Média.
- De Sardan, J. P. O. 2008. *A política de trabalho de campo: Sobre a produção de dados em socio-antropologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Faria, L. & Costa, A. 2018. *Bolsa Família e Mulheres Chefes de Família no Brasil: Impactos e Desafios*. *Revista de Políticas Públicas*, 22(1).
- Gonzalez, M. & Perez, R. 2020. *Conditional Cash Transfers and Women's Empowerment in Mexico: An Assessment of Oportunidades*. *Latin American Research Review*.

INAS. 2020. *Plano de Monitoria e Avaliação dos Programas de Segurança Social Básica*. Versão 3.0 - Maputo, Setembro de 2020. Maputo: Instituto Nacional de Acção Social.

Loforte, A. 2008. *Dinâmicas familiares e percepções de pobreza e género em Moçambique*. *Outras Vozes*, Vol. 2. Pp. 20-29.

Machaieie, E. 1997. “Mulheres no Sector Informal, esforços e criatividade na luta pela sobrevivência”. O caso do mercado Bazuka, 1987 / 1996. *Tese de licenciatura*. Departamento de História, Universidade Eduardo Mondlane.

Miller, C. & Tsoka, M. 2019. *Cash Transfers and Female-Headed Households in Malawi: Evidence and Challenges*. *Journal of African Economies*, 28(3).

Patel, L. et al. 2018. *Social Grants, Gender and Poverty: Insights from South Africa*. *Development Southern Africa*, 35(4).

Quivy, e Campenhoudt. 1998. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Paris: 2ª edição, Gradiva.

SCOTT, P. 2002. “Mulheres Chefes de Família: abordagens e temas para as políticas públicas”. *Pré Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas*, Nov 2002, Ouro Preto – MG.

Sato, K. & Nakamura, Y. 2020. *Single Mothers and Social Assistance in Japan: Navigating Poverty and Social Stigma*. *Asian Social Work and Policy Review*.

Silva, R. & Mendes, J. 2020. *Food Security and Female-Headed Households in Rural Angola*. *African Journal of Rural Development*, 6(2), 101-115.

Smith, A. & Johnson, K. 2020. *Rural Women’s Livelihoods in Namibia: Challenges and Opportunities*. *Journal of Southern African Studies*, 46(2), 215-230.